

Um
mundo de
oportunidades

Volume 5
Origem: vegetal

AGRO INSIGHT



Institucional

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Presidente da República

CARLOS HENRIQUE BAQUETA FÁVARO

Ministro de Estado da Agricultura e Pecuária

IRAJÁ REZENDE DE LACERDA

Secretário-Executivo do Ministério da Agricultura e Pecuária

GUILHERME CAMPOS JÚNIOR

Secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura e Pecuária

CARLOS GOULART

Secretário de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura e Pecuária

LUIS RUA

Secretário de Comércio e Relações Internacionais do Ministério da Agricultura e Pecuária

PEDRO ALVES CORRÊA NETO

Secretário de Inovação, Desenvolvimento Sustentável, Irrigação e Cooperativismo do Ministério da Agricultura e Pecuária

CARLOS ERNESTO AUGUSTIN

Assessor Especial do Gabinete do Ministério da Agricultura e Pecuária

CARLA MADEIRA GONÇALVES SIMÕES DOS REIS

Chefe de Assessoria Especial de Comunicação Social do Ministério da Agricultura e Pecuária

4ª edição. Ano 2025

Elaboração, distribuição, informações:

Ministério da Agricultura e Pecuária

Secretaria de Comércio e Relações Internacionais

Departamento de Promoção Comercial e Investimentos - DPR

Coordenação-Geral de Gestão dos Adidos Agrícolas

Endereço: Esplanada dos Ministérios, Bloco D - 3º andar, Sala 300

CEP: 70043-900 Brasília - DF

Tel.: (61) 3218-2821 e-mail: divulgacao.scri@agro.gov.br

Editorial:

Priscilla Burmann

João Huguenin

Coordenação:

Carolina Eufemia Aquino de Sá

Ângela Pimenta Peres

Estella R. Borges de Brito

Jennifer Santos Costa

Jennya Silva Brito

Manoel Augusto Soares Junior

Marcel Moreira

Filipe Guerra

Equipe técnica:

Carlos Vitor Muller

Eduardo Sampaio Marques

José Guilherme Tollstadius Leal

Adriano Perrelli Pestana de Castro

Luciana Pich Gomes

Andrea Claudia Parrilla

Daniela de Moraes Aviani

Silvio Luiz Rodrigues Testaseca

Glauco Bertoldo

Nilton Antônio de Moraes

Paulo Márcio Mendonça de Araújo

Rodrigo do Espírito Santo Padovani

Leandro Diamantino Feijó

Jean Felipe Celestino Gouhie

Clóvis Augusto Versalli Serafini

Ricardo Zanatta Machado

Priscila Rech Pinto Moser

Rafael Mohana de Carvalho Refosco

Vanessa Medeiros de Jesus

Ana Lúcia de Paula Viana

Fabiana Villa Alves

Virginia Arantes Ferreira Carpi

Ângelo de Queiroz Maurício

Bruno Cavalheiro Breitenbach

Marlos Schuck Vicenzi

Fernanda Vanessa Mascarenhas

Magalhães

Marco Aurélio Pavarino

Dalci de Jesus Bagolin

Ellen Elizabeth Laurindo

Adriane Reis Cruvinel

Frederique Rosa e Abreu

Warley Efreim Campos

Márcio Rezende Evaristo Carlos

Marco Túlio Santiago

Luiz Cláudio de Santana e Caruso

Rafael D'Aquino Mafra

Ana Carolina Miranda Lamy

Diego Leonardo Rodrigues

Juliano Vieira

Leandro Antunes

Permitida a reprodução sem fins lucrativos, parcial ou total, por qualquer meio, se citada a fonte e o sítio da Internet onde pode ser encontrado o original (www.gov.br/agricultura).

Catálogo na Fonte

Biblioteca Nacional de Agricultura – BINAGRI

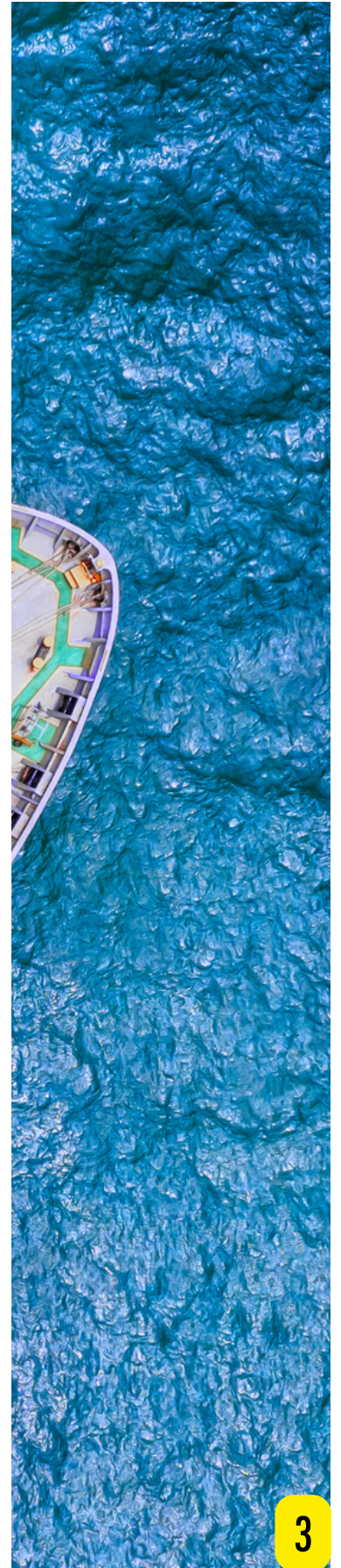
Resumo

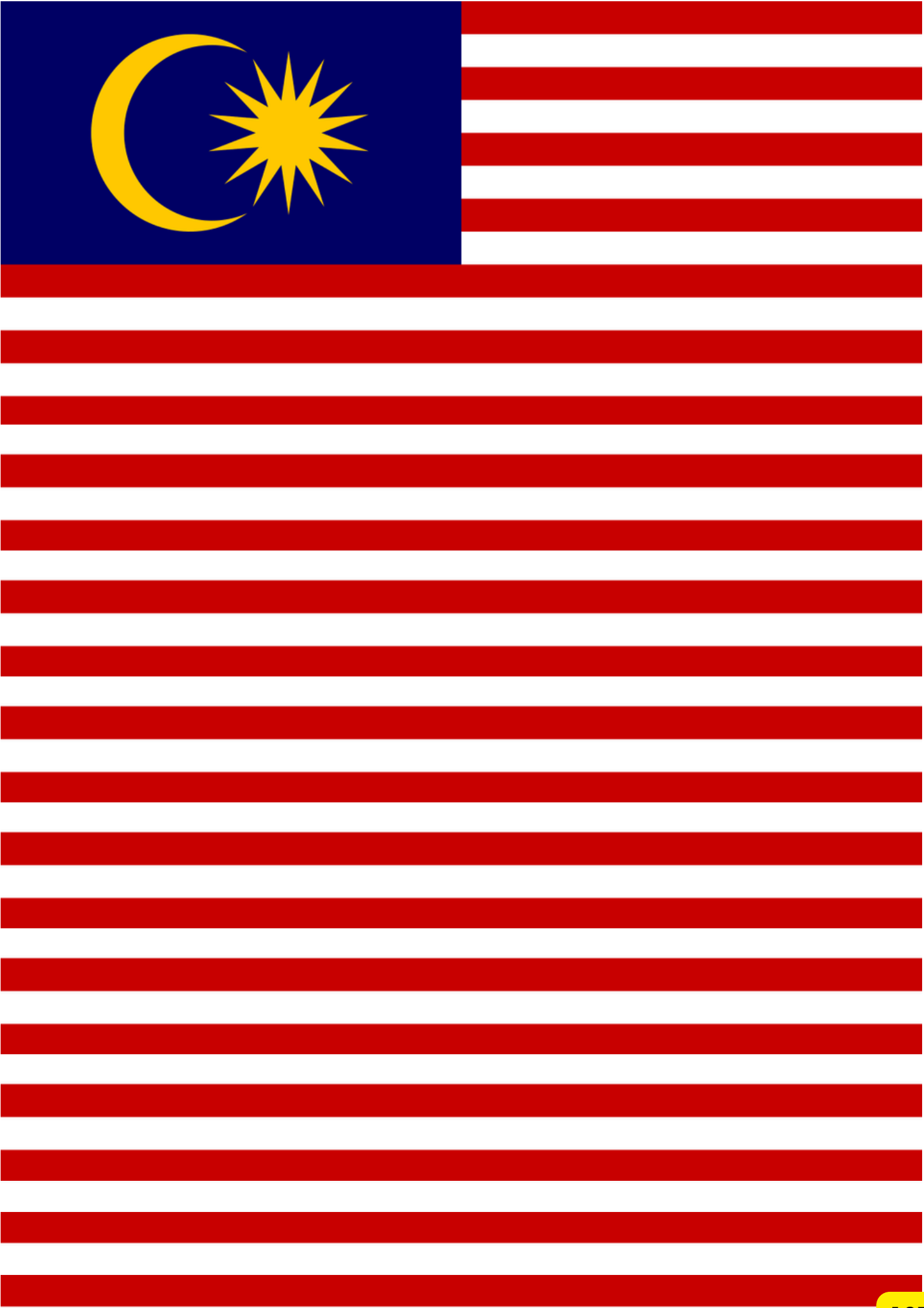
O AgrolInsight nasce do compromisso do Ministério da Agricultura e Pecuária com o fortalecimento da presença do agronegócio brasileiro no mercado internacional.

Desenvolvido pela Secretaria de Comércio e Relações Internacionais (SCRI), com apoio dos adidos agrícolas presentes em 38 países, o material reúne análises estratégicas e oportunidades de negócios para produtores, exportadores e associações setoriais que buscam crescer de forma competitiva e sustentável.

Com base nas diretrizes do ministro Carlos Fávaro e sob a liderança do secretário Luis Rua, o AgrolInsight é resultado do esforço de uma equipe dedicada que acredita no potencial do Brasil como potência agroexportadora.

Este relatório é mais do que um compilado de dados — é uma ponte entre o agro brasileiro e o mundo.





O MERCADO DE AÇÚCAR DA MALÁSIA: NAVEGANDO NA DEPENDÊNCIA DE IMPORTAÇÃO E NO PAPEL CRUCIAL DO AÇÚCAR BRASILEIRO

Data: 15/05/2025

Posto: Kuala Lumpur/Malásia

Palavras-chave: Malásia. Açúcar. Exportação

Responsável: Dalci de Jesus Bagolin

SUMÁRIO:

O mercado de açúcar da Malásia é definido por sua forte dependência das importações de açúcar bruto para atender à demanda doméstica e industrial, dada sua produção local insignificante de cana-de-açúcar. Os principais participantes da indústria, MSM Malaysia Holdings Berhad e Central Sugars Refinery Sdn Bhd, dependem quase que inteiramente de fontes internacionais, com o Brasil emergindo como o fornecedor predominante, respondendo por aproximadamente 60% das importações de açúcar bruto nos últimos anos. O relatório analisa as tendências de consumo que mostram um alto consumo per capita, a produção doméstica focada no refino, déficits comerciais significativos no açúcar e intervenções governamentais como controles de preços, subsídios e licenciamento de importação. Essas políticas criam um ambiente complexo onde as refinarias enfrentam desafios de lucratividade devido aos preços de varejo controlados, apesar dos custos voláteis globais do açúcar bruto, frete e flutuações cambiais. As oportunidades para o Brasil residem na demanda de importação sustentada e nas ambições de crescimento da indústria de refino da Malásia, desde que os exportadores brasileiros possam gerenciar efetivamente a logística e competir no custo geral desembarcado, atendendo às expectativas de qualidade

O MERCADO DE AÇÚCAR DA MALÁSIA: NAVEGANDO NA DEPENDÊNCIA DE IMPORTAÇÃO E NO PAPEL CRUCIAL DO AÇÚCAR BRASILEIRO

O setor açucareiro da Malásia é fundamentalmente caracterizado por sua significativa dependência da importação de açúcar bruto para atender ao consumo doméstico e às necessidades industriais. Com uma produção doméstica insignificante de cana-de-açúcar, as duas principais refinarias do país, MSM Malaysia Holdings Berhad (MSM) e Central Sugars Refinery Sdn Bhd (CSR), são quase inteiramente dependentes dos mercados internacionais para seu principal insumo. Este relatório fornece uma análise do mercado de açúcar da Malásia, com foco específico no papel crítico das importações de açúcar bruto e na importância primordial do Brasil como fornecedor predominante. Ele examina a dinâmica de consumo e produção, padrões comerciais, intervenções governamentais, estruturas de custos e os desafios e oportunidades estratégicas. A análise visa elucidar a estrutura da cadeia de suprimentos de açúcar da Malásia e de sua forte dependência do açúcar bruto global, particularmente do Brasil.

Visão Geral do Mercado de Açúcar da Malásia

O mercado de açúcar da Malásia é um setor maduro, impulsionado principalmente pelo consumo doméstico consistente das famílias e pela demanda da extensa indústria de alimentos e bebidas. Compreender seus componentes principais — consumo, produção, balança comercial, tamanho do mercado e principais participantes — é crucial para contextualizar sua dependência de importação.

Tendências de Consumo

O consumo total de açúcar na Malásia atingiu 2,00 milhões de toneladas métricas em 2023-2024, ante 1,889 milhão em 2022-23. O consumo per capita é alto, em torno de 42 kg a 50 kg anualmente, contribuindo para preocupações com a saúde, como diabetes e obesidade. O crescimento populacional, atingindo 34,1 milhões em 2024, continua a impulsionar a demanda.

2.2. Produção Doméstica (Açúcar Bruto vs. Refinado)

A Malásia importa praticamente 100% de seu açúcar bruto, tendo cessado o cultivo comercial significativo de cana-de-açúcar em 2012. A produção doméstica concentra-se no refino desse açúcar bruto importado. A MSM possui uma capacidade anual de refino de 2,05 milhões de toneladas métricas, enquanto a capacidade da CSR é de 800.000 toneladas por ano.

Balança Comercial: Um Importador Líquido

A Malásia é um importador líquido significativo de açúcar. Em 2024, as importações de açúcar bruto de cana (HS 170114) foram de US\$ 1,2 bilhão e de açúcar refinado US\$ 157 milhões. No total, as importações em 2024 foram de US\$ 1,36 bilhão contra US\$ 155 milhões em exportações, um déficit de cerca de US\$ 1,2 bilhão. A Malásia foi o 5º maior importador de açúcar bruto de cana globalmente em 2024.

Tabela 1: Importações de Açúcar Bruto pela Malásia (em 1.000 US\$)

	2020	2021	2022	2023	2024
Mundo	715,789	813,113	809,983	1,091,885	1,203,576
Brasil	455,993	667,352	449,314	663,905	989,311
Tailândia	17,957	17,063	199,661	275,329	114,606
África do Sul	94,582	9,158	16,016	75,590	99,660
Outros	147,256	119,541	144,992	77,061	-

Fonte: TradeMap

Principais Participantes da Indústria: Refinarias e Importadores

A indústria de refino de açúcar da Malásia é altamente concentrada, com dois participantes dominantes:

MSM Malaysia Holdings Berhad (MSM): Subsidiária da FGV Holdings Berhad (empresa de investimentos estatal), a MSM é a principal produtora de açúcar refinado da Malásia, operando refinarias em Prai (Penang) e Tanjung Langsat (Johor) com uma capacidade de produção anual combinada de 2,05 milhões de toneladas métricas. Sua marca principal é "Gula Prai" e detém uma participação significativa no mercado doméstico, estimada em cerca de 60%.

Central Sugars Refinery Sdn. Bhd (CSR): Fundada em 1965, a CSR é outra grande refinaria de açúcar com fábricas em Shah Alam (Selangor) e Padang Terap (Kedah, através de sua subsidiária Gula Padang Terap (GPT)). A CSR é uma subsidiária da Tradewinds (M) Berhad, que também é detentora da Bernas, empresa privada monopolista do mercado de arroz.

Outras empresas listadas como importadoras de açúcar incluem Wilmar International Ltd., Cargill Inc., Louis Dreyfus Company, Kilang Gula Felda Perlis Sdn Bhd, Tradewinds Plantation Berhad, Mewah Oils Sdn Bhd, Kulim (Malaysia) Berhad, FGV Holdings Berhad (controladora da MSM) e IOI Corporation Berhad. No entanto, MSM e CSR são as principais entidades envolvidas na importação de açúcar bruto em grande escala para refino. A Wilmar também desempenha um papel significativo como fornecedora de açúcar bruto para a MSM. A forte dependência dessas duas refinarias para o suprimento de açúcar do país ressalta sua importância estratégica e o impacto potencial de quaisquer desafios operacionais ou financeiros que enfrentem.

Importações de Açúcar Bruto – A Linha Vital da Indústria Açucareira da Malásia

Com o cultivo doméstico de cana-de-açúcar para açúcar bruto sendo virtualmente inexistente, as importações de açúcar bruto formam a linha vital absoluta para a indústria açucareira da Malásia. Todo o setor de refino e o subsequente fornecimento a consumidores e fabricantes de alimentos dependem de um influxo constante e volumoso dessa commodity primária.

Predominância do Açúcar Bruto nas Importações Totais de Açúcar

As importações de açúcar da Malásia são predominantemente de açúcar bruto (HS 170114), com importações mínimas de açúcar refinado devido à significativa capacidade de refino doméstico. As importações de açúcar refinado têm apresentado menos de 10% do volume total importado.

3.2. Volumes e Valores Históricos de Importação

A Malásia importou consistentemente entre 1,77 e 2,16 milhões de toneladas métricas de açúcar bruto de cana anualmente de 2018 a 2024. Os valores de importação flutuaram com os preços globais, aumentando notavelmente em 2024. Por exemplo, em 2024, as importações foram de 2,16 milhão de TM avaliadas em US\$ 1,2 bilhão, em comparação com 2,1 milhões de TM avaliadas em US\$ 715 milhões em 2020. Isso destaca uma dependência estrutural do açúcar bruto estrangeiro.

Principais Países Fornecedores: A Dominância do Brasil

O Brasil é o fornecedor de açúcar bruto mais importante da Malásia. Em 2024, para açúcar bruto de cana, o Brasil forneceu US\$ 989 milhões (1,79 milhão de TM), representando cerca de 82% tanto do valor da importação quanto do volume. Na média dos últimos cinco anos o Brasil representou 69% das exportações em valor e quantidade. A MSM adquire cerca de 60% de seu açúcar bruto do Brasil. Outros fornecedores importantes em 2024 foram Tailândia (US\$ 114,61 milhões) e África do Sul (US\$ 99,66 milhões). Historicamente, Austrália, Tailândia e Fiji eram os principais fornecedores, mostrando uma mudança em direção à dominância brasileira.

Intervenção Governamental e Políticas no Setor Açucareiro da Malásia

O governo da Malásia desempenha um papel significativo na indústria açucareira por meio de uma variedade de intervenções, incluindo controles de preços, subsídios, regulamentações de importação, impostos relacionados à saúde e, mais recentemente, iniciativas destinadas a reativar a produção doméstica. Essas políticas visam equilibrar a acessibilidade ao consumidor, a viabilidade da indústria e os objetivos de saúde pública, embora às vezes criem interações e desafios complexos.

Controles de Preços sobre o Açúcar no Varejo

O governo da Malásia impõe tetos de preços ao açúcar no varejo para garantir a acessibilidade aos consumidores. Em março de 2024, o preço de varejo do açúcar cristal granulado era de RM2,85 por quilograma. Esse preço sofreu alterações mínimas na última década; por exemplo, aumentou apenas um centavo desde 2013. Consequentemente, os preços do açúcar no varejo da Malásia estão entre os mais baixos da ASEAN e globalmente, significativamente mais baratos do que em países vizinhos como Tailândia (RM3,91), Singapura (RM7,34), Filipinas (RM8,53) e Indonésia (RM5,74). Embora benéficos

para os consumidores, esses controles de preços exercem considerável pressão sobre as refinarias de açúcar, especialmente quando os preços globais do açúcar bruto e outros custos de insumos aumentam. O preço de venda controlado muitas vezes fica abaixo do custo real de produção, levando a perdas financeiras para as refinarias. Por exemplo, em dezembro de 2023, foi relatado que os principais produtores MSM e CSR estavam incorrendo em perdas de cerca de 88 centavos por cada quilograma de açúcar vendido.

Subsídios e Incentivos para Produtores de Açúcar

Para mitigar as perdas incorridas pelas refinarias devido aos controles de preços e altos custos de insumos, o governo tem fornecido incentivos financeiros à indústria. O açúcar está listado como um item tabelado sob a Lei de Controle de Preços e Anti-Cartel de 2011. Embora os subsídios ao açúcar tenham sido oficialmente abolidos em outubro de 2013, o governo tem feito pagamentos aos fabricantes de açúcar desde novembro de 2023 porque os preços do açúcar permanecem controlados em vez de determinados pelo mercado. Esses subsídios chegam a RM1,00 por quilograma para açúcar bruto e refinado, traduzindo-se em aproximadamente RM42 milhões mensais, ou RM500 milhões a RM600 milhões anualmente. Por exemplo, em novembro e dezembro de 2023, os produtores de açúcar receberam incentivos mensais de RM1.000 por tonelada para açúcar cristal e fino em embalagens de 1kg e 2kg para cobrir perdas de custo. A MSM confirmou o recebimento de um incentivo mensal de RM24 milhões (com base em uma alocação de 24.000 toneladas por mês a RM1/kg). A interação entre controles de preços e subsídios cria um ambiente econômico complexo. Embora os subsídios visem apoiar a viabilidade das refinarias sob um regime de preços controlados, eles representam um desembolso fiscal significativo para o governo. Além disso, os preços artificialmente baixos mantidos por meio desse sistema podem estimular um maior consumo de açúcar, potencialmente entrando em conflito com as metas de saúde pública. Essa situação sugere que o mix atual de políticas pode não ser sustentável a longo prazo, pois impõe um ônus às finanças públicas e pode não abordar efetivamente as questões estruturais subjacentes de dependência de importação e volatilidade de custos.

Licenciamento de Importação, Cotas e Tarifas para Açúcar Bruto

O governo da Malásia regulamenta as importações de açúcar por meio de um sistema de licenciamento. As empresas que importam açúcar e produtos açucarados exigem uma "Licença de Importação para Produtos Comerciais Controlados" do Ministério do Comércio Doméstico e Assuntos do Consumidor (KPDNHEP, antigo KPDNKK). Essa licença pode delinear e impor limites aos tipos e quantidades de produtos açucarados importados. A importação de açúcar bruto (HS 1701) geralmente é permitida apenas por fabricantes locais de açúcar (refinarias). O governo estima as necessidades domésticas anualmente e define alocações de cotas para as refinarias fornecerem ao mercado doméstico, emitindo licenças para importar açúcar bruto de acordo. As tarifas sobre as importações de açúcar bruto são normalmente dispensadas para essas refinarias. O açúcar bruto importado para reexportação como açúcar refinado também é coberto por licenças. Em resposta a preocupações com o fornecimento e preços altos, o governo, por vezes, flexibilizou os requisitos de permissão de importação. Por exemplo, em julho de 2023, os requisitos foram facilitados para permitir que mais empresas obtivessem açúcar bruto mais barato e, em dezembro de 2023, 43 empresas haviam recebido permissões para importar 557.080 toneladas métricas.

No entanto, a importação real por esses novos detentores de permissão foi baixa, com apenas 5% da cota atendida até dezembro de 2023, principalmente para uso industrial. O Ministério do Comércio Doméstico e Custo de Vida também aprovou licenças para alguns fabricantes de alimentos e bebidas importarem açúcar diretamente, uma medida que levantou preocupações entre as refinarias tradicionais sobre a interrupção do mercado e a adesão a padrões como a certificação Halal.

Certificação Halal

No contexto do açúcar bruto importado pelas principais refinarias da Malásia (como MSM e CSR) para processamento adicional o foco da Certificação Halal é no produto final e no processo da refinaria. As grandes refinarias na Malásia, como a MSM, garantem que seus produtos finais de açúcar refinado (por exemplo, a marca "Gula Prai") sejam 100% Halal e certificados pela JAKIM. Isso significa que todo o seu processo de produção, incluindo a aquisição de açúcar bruto, está em conformidade com os padrões Halal da Malásia (MS1500:2009). Uma área de preocupação no refino de açúcar é a etapa de descoloração. Algumas refinarias globalmente podem usar "bone char" (carvão de osso animal), que pode não ser Halal. As refinarias malásias certificadas, como a MSM, afirmam usar materiais alternativos Halal, como carvão ativado de origem mineral (carvão). A responsabilidade primária recai sobre o importador/refinador malásio para garantir que o açúcar bruto adquirido e os métodos de processamento não tornem o produto final não-Halal. Eles devem ter um Sistema de Garantia Halal (HAS) implementado. Embora não seja obrigatório as remessas de açúcar bruto commodity venha com um certificado Halal individual da, a refinaria importadora deve garantir que a fonte e a natureza do açúcar bruto não violem os princípios Halal. No passado houve discussões e preocupações levantadas quando o governo considerou ou permitiu que outras entidades além das refinarias principais (por exemplo, fabricantes de alimentos e bebidas) importassem açúcar diretamente. Nessas situações, a questão da certificação Halal do açúcar importado torna-se mais proeminente, com as refinarias estabelecidas e outros stakeholders enfatizando a necessidade de garantir que tal açúcar importado atenda aos padrões Halal da Malásia, possivelmente através de certificação de organismos estrangeiros reconhecidos pela JAKIM.

Políticas Relacionadas à Saúde (por exemplo, Imposto sobre o Açúcar)

Para lidar com as crescentes preocupações sobre obesidade e doenças não transmissíveis ligadas ao alto consumo de açúcar, como obesidade, diabetes tipo 2, doenças cardiovasculares, entre outras, a Malásia implementou um imposto especial de consumo sobre bebidas açucaradas em julho de 2019. O imposto foi fixado em RM0,40 por litro para bebidas prontas para beber com teor de açúcar superior a determinados limites. Houve propostas para aumentar esse imposto potencialmente para 20% do preço de varejo, para desencorajar ainda mais o consumo e gerar receita para a saúde. No entanto, a eficácia do imposto sobre bebidas açucaradas na redução do consumo geral de açúcar é questionável, especialmente quando juxtaposta a políticas que mantêm os preços do açúcar refinado artificialmente baixos por meio de controles e subsídios.

A receita deste imposto (estimada em RM330 milhões anuais à taxa atual) poderia ser compensada ou mesmo anulada pelo custo anual maior dos subsídios ao açúcar (RM500-RM600 milhões). Isso destaca uma potencial incoerência política onde um braço do governo tributa o açúcar em bebidas enquanto outro subsidia a commodity base, minando a mensagem de saúde pública.

Iniciativas Recentes para a Produção Doméstica de Cana-de-Açúcar

Reconhecendo as vulnerabilidades associadas à dependência de importação quase total, o governo da Malásia anunciou planos para reativar a indústria doméstica de cana-de-açúcar. Em março de 2023, o Ministro da Economia afirmou que a indústria de cana-de-açúcar do país seria desenvolvida para ajudar a atender à demanda nacional de açúcar, visando explicitamente reduzir a dependência das importações de açúcar bruto do Brasil. O governo estaria identificando parcelas de terra de até 405 hectares no norte de Perak para esse fim e planejava organizar a cadeia logística para garantir compradores prontos para os plantadores. O sucesso de tais iniciativas dependerá da superação de desafios significativos, incluindo o uso concorrente da terra (por exemplo, palma e borracha, que historicamente ofereciam maior remuneração), disponibilidade de mão de obra, estabelecimento de variedades de cana de alto rendimento adequadas às condições locais e garantia de viabilidade econômica para os agricultores em face dos preços do mercado global. Dada a escala das importações atuais (cerca de 2 milhões de toneladas métricas anuais), qualquer reativação da produção doméstica precisaria ser substancial para causar um impacto significativo na dependência de importação.

Avaliação das Políticas Públicas

A combinação dessas políticas cria um cenário regulatório multifacetado para o mercado de açúcar da Malásia, tentando equilibrar objetivos diversos e, por vezes, conflitantes. A sustentabilidade a longo prazo dessa abordagem, particularmente a dependência de controles de preços e subsídios em um mercado dependente de importações, permanece uma questão fundamental.

Dinâmica de Custos do Açúcar Bruto Importado para Refinarias da Malásia

O custo do açúcar bruto para as refinarias da Malásia é uma questão multifacetada, que vai além do preço internacional de referência. Abrange a volatilidade dos preços globais, despesas logísticas e de frete, flutuações cambiais e outros custos de insumos relacionados. Esses elementos determinam coletivamente o custo desembarcado do açúcar bruto nas refinarias da Malásia e influenciam significativamente a lucratividade das refinarias, especialmente sob um regime de preços de venda domésticos controlados.

Tendências Internacionais de Preços do Açúcar Bruto (ICE No. 11)

O contrato ICE Sugar No. 11 serve como referência global para os preços do açúcar bruto. Esses preços são inerentemente voláteis, influenciados por diversos fatores, como a dinâmica global de oferta e demanda, condições climáticas em importantes regiões produtoras como Brasil, Índia e Tailândia, e flutuações nos preços do petróleo bruto, que podem afetar o desvio para etanol e os custos de frete. Adicionalmente, as políticas de exportação dos principais países produtores e as taxas de câmbio desempenham um papel significativo na determinação dos preços. Consequentemente, as refinarias frequentemente empregam estratégias de hedge para gerenciar esses riscos. Para 2022, a MSM fez hedge abaixo do mercado a 16-17 centavos de dólar/lb quando o preço de mercado estava em torno de 19 centavos de dólar/lb.

Logística, Custos de Frete e Impacto do Câmbio

Os custos de frete para o transporte de açúcar bruto a granel de fontes distantes como o Brasil são substanciais e sujeitos à volatilidade. Esses custos são influenciados por fatores como a capacidade global de transporte marítimo, preços dos combustíveis e condições portuárias. Encargos de frete e seguro podem adicionar aproximadamente \$0,10/kg ao custo do produto. Além disso, o açúcar bruto requer condições específicas de transporte para manter sua qualidade. Como o açúcar bruto tem preço internacional em dólares americanos, as flutuações na taxa de câmbio MYR/USD impactam diretamente os custos de importação para as refinarias da Malásia, com um Ringgit mais fraco levando a despesas maiores. Além desses, outros custos operacionais significativos para as refinarias incluem energia, particularmente gás natural para o processo de refino, bem como materiais de embalagem e salários.

Brasil – O Fornecedor Predominante de Açúcar Bruto para a Malásia

A posição do Brasil como o maior produtor e exportador de açúcar do mundo confere-lhe uma influência dominante no mercado global de açúcar e, por extensão, em nações dependentes de importação como a Malásia. Compreender o papel do Brasil é crucial para analisar a cadeia de suprimentos de açúcar bruto da Malásia.

Posição Global do Brasil na Produção e Exportação de Açúcar Bruto

O Brasil é consistentemente o maior produtor mundial de cana-de-açúcar e açúcar. Para a safra 2025/26, a produção total de cana-de-açúcar no Brasil está prevista em 671 milhões de toneladas métricas (MMT), com a produção de açúcar projetada em 44,7 MMT, valor bruto. O Brasil respondeu por aproximadamente 23% da produção global de açúcar em 2024/2025. Sua dominância nas exportações é ainda mais pronunciada. O Brasil projeta exportar 35,8 MMT de açúcar na safra 2025/26. Historicamente, o Brasil respondeu por uma parcela significativa das exportações globais de açúcar; por exemplo, em 2010/11, o Brasil exportou 25,8 MMT, representando 49,7% do total mundial, quase quatro vezes mais que a Tailândia, o segundo maior exportador na época.

A região Centro-Sul do Brasil é o coração de sua produção de açúcar, conhecida por estar entre os produtores de açúcar de cana de menor custo do mundo devido aos altos rendimentos, muitas vezes sem irrigação, e à eficiente coprodução de açúcar e etanol.

Proporção do Açúcar Bruto da Malásia Originário do Brasil

A Malásia adquire uma maioria substancial de seu açúcar bruto do Brasil. Essa forte dependência de uma única fonte, embora seja a maior e muitas vezes a mais competitiva do mundo, carrega certos riscos inerentes. Diminuição na produção brasileira devido ao clima (secas, chuvas excessivas), mudanças nas próprias políticas de exportação do Brasil ou alterações em seu mix de produção de açúcar-etanol podem impactar a disponibilidade de suprimentos e os preços para a Malásia. Por exemplo, o tempo seco no Brasil pode reduzir os rendimentos da cana-de-açúcar e aumentar os preços globais. Por outro lado, condições favoráveis no Brasil podem aumentar a oferta e exercer pressão para baixo sobre os preços.

Especificações de Qualidade do Açúcar Bruto Brasileiro (por exemplo, Níveis ICUMSA)

O açúcar bruto brasileiro é normalmente comercializado com base nas classificações ICUMSA, que medem a pureza e a cor do açúcar. A Comissão Internacional para Métodos Uniformes de Análise de Açúcar (ICUMSA) fornece esses padrões.

ICUMSA 45: Este é um açúcar branco altamente refinado, adequado para consumo humano direto e uso em uma ampla gama de produtos alimentícios. Possui cor branca brilhante, alta pureza (normalmente 99,8% de sacarose) e é o açúcar mais refinado disponível. O Brasil produz ICUMSA 45, basicamente para consumo interno.

ICUMSA 600-1200: Este é o típico açúcar bruto, sendo o VHP - Very High Polarization o tipo mais comum do Brasil. Este é o produto a partir do qual são feitos os açúcares refinados como o ICUMSA 45 e constitui o grosso das exportações globais de açúcar bruto. As refinarias da Malásia importam este açúcar bruto e o processam para vários graus refinados, incluindo aqueles equivalentes ao ICUMSA 45, para o mercado doméstico.

Desafios e Oportunidades para o Brasil

O principal desafio para o Brasil no mercado de açúcar bruto da Malásia é competir em custo desembarcado contra fornecedores geograficamente mais próximos. Os longos tempos de trânsito e os custos de frete potencialmente mais altos do Brasil precisam ser compensados por um preço base competitivo.

Apesar desses desafios, existem oportunidades significativas para o Brasil. A dependência fundamental da Malásia das importações de açúcar bruto devido à produção doméstica mínima garante uma demanda de importação consistente. A indústria de refino orientada para a expansão requer grandes volumes de matéria-prima, e sua meta de aumentar as exportações de açúcar refinado apresenta oportunidades para fornecedores confiáveis de açúcar bruto. A posição do Brasil como o maior fornecedor indica uma relação comercial estabelecida e canais logísticos, fornecendo uma base para o crescimento potencial.

Ao alavancar sua escala na produção de commodities e focar em preços competitivos com base no custo desembarcado, garantindo qualidade consistente e cultivando relacionamentos fortes com as principais refinarias, o Brasil pode solidificar e potencialmente expandir sua participação neste mercado de importação crucial.

Conclusão

O mercado de açúcar da Malásia, caracterizado por alto consumo per capita e produção doméstica insignificante para uso industrial, é fundamentalmente dependente das importações de açúcar bruto. A significativa capacidade de refino de açúcar do país, destinada tanto ao abastecimento doméstico quanto à exportação, impulsiona uma demanda substancial por açúcar bruto importado. Embora enfrente a concorrência de fornecedores regionais e outros internacionais, o Brasil detém uma posição notável como o maior exportador de açúcar bruto para a Malásia. As oportunidades para o Brasil residem na demanda de importação sustentada e nas ambições de crescimento da indústria de refino da Malásia, desde que os exportadores brasileiros possam gerenciar efetivamente a logística e competir no custo geral desembarcado, atendendo às expectativas de qualidade. O engajamento estratégico com as refinarias dominantes é fundamental para alavancar essas oportunidades.